

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Identidad y cultura negra en territorios latinoamericanos. Un estudio comparativo entre Brasil y Haití.

Joseph Handerson.

Cita:

Joseph Handerson (2009). *Identidad y cultura negra en territorios latinoamericanos. Un estudio comparativo entre Brasil y Haití*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/2301>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Identidad y cultura negra en territorios latinoamericanos

Un estudio comparativo entre Brasil y Haití

*Joseph Handerson*¹

Resumen: Esta investigación es un trabajo de tesis de maestría en Ciencias Sociales, presentado a la Universidad Federal de Pelotas (Brasil). En este texto, abordamos elementos identitarios de la cultura negra en dos situaciones territoriales diferentes en América Latina para establecer posibles similitudes y diferencias de la cultura negra en Haití y en Brasil, en particular en los aspectos religiosos y lingüísticos. El objetivo es explorar algunas cuestiones acerca de la identidad cultural de los negros en las Américas, a partir de la literatura examinada. Los elementos culturales africanos y la contribución del negro para la construcción de las dos naciones, deben ser conocidas estableciendo estrategias para valorizar su cultura, desconstruir las ideas racistas y desprenderse de prejuicios con relación al sujeto negro. El significado del papel de los negros en la construcción del nacionalismo haitiano es un asunto importante en la literatura de Haití y el movimiento de la negritud como fundamento antirracista. En ese sentido, queremos trabajar con el tema de los elementos identitarios de la cultura negra en ambos países, para mostrar el negro como sujeto de su propia historia y valorizar sus elementos culturales que enriquecen a ambas naciones pluriculturales. Usamos el tipo de investigación cualitativa, para demostrar la necesidad de comprender los

¹ Maestría em Ciências Sociais en la Universidad Federal de Pelotas-Brasil; Maestría en Política Social en la Universidad Católica de Pelotas-Brasil (handersonj_82@hotmail.com; handersonj_82@yahoo.es)

aspectos subjetivos, relacionales y coyunturales, ya que solo con los números no pueden ser descifrados. Utilizamos como instrumento de recolección de datos para la formulación de la investigación, el estudio bibliográfico. Para el análisis de los datos, utilizamos Roque Moraes como el autor de referencia, porque presenta una metodología de análisis textual discursiva que permite el análisis a fondo del proyecto de investigación, es decir, el análisis discursivo.

Palabras clave: Identidad; cultura negra; Brasil –Haiti;

Este projeto de pesquisa faz parte de uma proposta de trabalho de dissertação do mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas. Nele abordaremos elementos identitários da cultura negra em duas situações territoriais distintas na América Latina para estabelecer as possíveis semelhanças e diferenças da cultura negra no Haiti e no Brasil, particularmente nos aspectos religiosos e lingüísticos. O objetivo é explorar algumas questões sobre identidade cultural do negro nas Américas, a partir da literatura examinada.

A identidade cultural do negro no Haiti

Logo no início do século XX, a partir do surgimento do movimento cultural em busca da valorização dos elementos identitários haitianos, verificou-se como a questão da identidade cultural haitiana era complexa. No Haiti, o indigenismo constitui uma tomada de consciência por parte de escritores e artistas no sentido de incorporar a cultura popular, até então relegada à margem da sociedade. Existe uma homologia entre indigenismo, nacionalismo e haitianidade, implícita na definição dada por Roger Gaillard: “*Chama-se no Haiti ‘indigenismo’ a vontade dos criadores estéticos de inspirar-se dos costumes, dos valores (musicais, religiosos, danças) pertencentes à vida, à cultura nacional*”² (GAILLARD, 1993, p. 9, tradução do autor).

Embora o indigenismo tenha existido, segundo Gaillard, ao longo do Século XIX, desde a independência do país (1804), ele eclode enquanto movimento literário com um programa definido com o lançamento da *Revue Indigène* (Revista Indígena, 1927), que teve seis números. A palavra *indigène* (indígena) designa o elemento autóctone, mas cabe ressaltar que, naquele momento, ela

² On appelle en Haiti “indigénisme” la volonté chez les créateurs esthétiques de s’inspirer des coutumes, des valeurs (musicales, religieuses, dansées) appartenant à la vie, à la culture nationale (GAILLARD, 1993, p. 9, tradução do autor).

designava os nativos dos países asiáticos e africanos, sendo comum o seu uso com valor depreciativo na literatura colonial francesa. O termo não evocava, portanto, o “indígena” ou o “índio” natural da América, sendo empregado nos textos haitianos da época como sinônimo de nacional, podendo ser associado a nativismo, particularmente reativado por causa da ocupação americana (1915-1934), no país.

Entretanto, as balizas teóricas do movimento indigenista já estavam sendo propagadas por Jean Price-Mars (1876-1976) desde o início dos anos 20, através da publicação de artigos e da apresentação de conferências. Voltando ao Haiti em 1916, depois de passar alguns anos na França, começou a desenvolver suas pesquisas etnográficas, com objetivos pedagógicos. Publicou em 1928 (um ano depois da *Revue Indigène*) o livro *Ainsi parla l’Oncle* (Assim fala o tio), no qual ele pretendia estudar o folclore a fim de promover uma reapropriação da cultura popular haitiana, tão desprezada pelas elites. Inspirando-se no título de Nietzsche, ele substituiu o super homem Zarathustra por um personagem folclórico do Haiti, o *Oncle Bouqui* (Tio Bouqui), o velho negro contador de histórias, que passará a ser associado a ele mesmo, apelidado a partir de então de Oncle (Tio).

Neste livro, que se tornou um clássico; ele estuda o Vodou, os cantos e contos, as lendas e adivinhas e suas origens na África. Os dois elementos culturais mais fortemente rejeitados pelas classes letradas eram o Vodou, como uma superstição a ser eliminada, e a língua *Créole*, considerada um *patois*, um dialeto que os falantes praticam, mas do qual se envergonham. O trabalho dos indigenistas será, sobretudo, no sentido de conceder ao Vodou o caráter de religião, tornando-o digno de ser aceito como qualquer religião, e de reconhecer o *Créole* como língua nacional do Haiti. Podemos considerá-lo uma língua *afro-latina*. Esta missão, se não foi realizada em sua plenitude, acabou por mudar, pelo menos parcialmente, o discurso sobre essas duas criações sincréticas haitianas.

Sobre quais bases materiais, culturais e éticas constrói-se a identidade cultural no Haiti? Até 1987, o francês era a única língua oficial do país. A língua “Créole” era discriminada pela elite, dominantes e dirigentes do país. Perguntar a um haitiano o que pensa do Vodou, do *Créole*, é uma forma de pedir-lhe sua classe social, sua visão política, seu conceito da luta política e sua visão do futuro da sociedade haitiana. Mesmo assim, é muito difícil o haitiano rejeitar o *Créole* sem sentir uma falha na sua personalidade. O *Créole* teve o mesmo caminho que o Vodou, portanto, é chamado a desempenhar o mesmo papel. O professor Joseph Désir reconhece-o como: “Veículo privilegiado de uma herança [...] nada podia impedir-lhe jogar o seu papel histórico como instrumento de

coesão e de unidade nacional. É graças à língua *Créole* que nossas tradições orais existem, permanecem e se transformam” (HANDERSON, 2006, p. 17). Assim, observamos que o *Créole*, como o Vodou, será a expressão direta das relações de classe no país.

Conforme apontamos acima, esse elemento irreduzível na construção da nação haitiana é o idioma *Créole*. Essa forma de expressão, que necessita do corpo e dos gestos para se fazer compreender de maneira plena, é um dado elementar nesta mudança de símbolos da identidade do povo haitiano. De acordo com Price-Mars, este idioma não pode ser apreendido mecanicamente. Trata-se de um idioma performático. Sua incorporação habilita o aprendiz a rir de uma piada, entender a lição de um conto, ou mesmo expressar o mais profundo dos sentimentos. É a expressão do povo haitiano e o elemento de resistência frente ao poder colonial. Uma maneira, através da qual, os negros construíram sua própria linguagem.

O Vodou haitiano é reconhecido pelo Estado do Haiti como religião desde a Constituição de 1987, promulgada com o movimento que encerrou o período de ditadura dos Duvalier, o qual durou de 1957 a 1986. Anteriormente, seus adeptos eram perseguidos e inúmeras foram as campanhas anti-supersticiosas realizadas pela Igreja Católica em tentativas infrutíferas para extirpar a crença da sociedade haitiana. Alfred Métraux em seu livro *Le Vaudou haitien*, publicado em 1958, mas cujo conteúdo ainda é aceito como válido na comunidade científica, tendo em vista o rigor de seu trabalho, baseado em observações pessoais e em estudos aprofundados, assim define o Vodou:

Um conjunto de crenças e de ritos de origem africana que, estreitamente ligados a práticas católicas, constituem a religião da maior parte da população camponesa e do proletariado urbano da República Negra do Haiti (MÉTRAUX, 1998, p. 11).

Esse antropólogo suíço conviveu com os terreiros de vodou por longos anos, sua primeira viagem ao Haiti datando de 1941, época em que conheceu Jacques Roumain, havendo juntos aventado a possibilidade de criação de um “Bureau d’Ethnologie” (Escritório de Etnologia) cujo objetivo além de outras coisas, era preservar a religião Vodou da destruição.

Igualmente importantes e partes das artes haitianas, a música e a dança ocupam os primeiros lugares na cultura popular de antanho e dos tempos modernos. Não é novidade saber que os escravos naturais do continente africano eram destacados sempre pelos dons musicais. O negro era

e é, antes de tudo, um compositor, um mestre na área do movimento e da melodia harmoniosa, mas não é só isso, como muitas vezes aparece nos meios de comunicação.

Quanto à educação como parte da formação da identidade cultural do haitiano, Price-Mars detecta problemas graves devido ao fenômeno da diglossia, ou seja, o fato de coexistirem duas línguas no país, com estatutos diferenciados: de um lado o francês, língua ocidental prestigiosa, praticada pelas elites letradas, língua de uso escolar e social e, de outro, o *Créole*, antiga língua ágrafa, oral, mas hoje língua oficial, escrita, com gramática própria, e valorizada no sistema escolar haitiano e no ensino superior.

Construções identitárias culturais no Brasil

A redemocratização do Brasil, a partir do início dos anos oitenta, trouxe uma nova onda étnica e preparou o terreno para o surgimento de políticas de identidade numa sociedade que, até esse momento, vivenciara uma poderosa tradição universal. Essa nova “política da identidade” chegou a receber apoio dos aparelhos de Estado, mas é também celebrada na arte e na cultura popular através de inúmeras reinterpretações do “mito das três raças”.

Nesse sentido, Guimarães (2004, p. 17) afirma em *Preconceito e Discriminação* que o racismo é referido como sendo uma doutrina, quer se queira científica, quer não, que pega a existência de raças humanas, com diferentes qualidades e habilidades, ordenadas de tal modo que as raças formem um gradiente hierárquico de qualidades morais, psicológicas, físicas e intelectuais (GUIMARÃES, 2004, p. 17).

Tendo em vista o debate sobre as desigualdades sociais e as relações raciais no Brasil, é surpreendente notar que, neste país, a classificação e a hierarquização racial hoje existente, construída na efervescência das relações sociais e no contexto da escravidão e do racismo, passaram a regular as relações entre negros e brancos como mais uma lógica desenvolvida no interior dessa sociedade. Uma vez constituídas, são introjetadas nos indivíduos negros e brancos pela cultura. Somos educados pelo ambiente sociocultural a enxergar certas diferenças, as quais fazem parte de um sistema de representações construído socialmente por meio de tensões, conflitos, acordos e negociações sociais.

As duas últimas décadas assistiram a uma série de novos fenômenos em torno da identidade cultural negra, trazendo à tona a afirmação de Hall: “*as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas*” (HALL, 2006, p. 8). O movimento negro continua a crescer, dentro do processo global de democratização e renovação da vida política brasileira, conseguindo, vez por outra, incluir a questão da discriminação racial nos projetos de sindicatos, partidos políticos e igrejas. Até os meios de comunicação começaram a demonstrar uma sensibilidade maior à questão racial (negro).

Em *Negritude Sem Etnicidade*, Lívio Sansone (2003, p. 10) afirma:

nas duas últimas décadas, a maioria dos pesquisadores de estudos étnicos no Brasil tem feito um grande esforço para tentar alterar a auto-imagem brasileira com respeito à diversidade étnica. Isso tem sido feito porque eles estão convencidos de que o Brasil é ou deveria ser um país multicultural e talvez até multiétnico, apesar de sua celebração da mistura racial e étnica nos discursos oficiais e populares sobre o tecido da nação e seu povo.

O que está em jogo na identidade cultural do negro? Hoje, mais do que nunca, identificar-se como negro é participar da dinâmica sociopolítica brasileira e dos acontecimentos internacionais que cercam o Atlântico Negro. E a cultura negra, obviamente, não é estática. A partir do orgulho de sua cultura, os negros procuram relacionar-se com os não-negros a partir de uma posição de força. Os símbolos e artefatos associados à cultura negra tornam-se mais visíveis do que nunca: as cores do axé, os penteados rastafári, cabelo crespo, tranças, a roupa em estilos inspirados na África e a roda de capoeira, para citar apenas os exemplos mais destacados.

Por um lado, existe o desenvolvimento de uma nova identidade negra e, para um número maior de pessoas, de orgulho pela negritude e de uma percepção mais aguda do racismo. Por outro, existem fenômenos que levam a pensar na continuação, num contexto mais moderno, do componente especificamente brasileiro ou latino-americano das relações raciais. “*Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel?*” (HALL, 2006, p. 12-13).

Em que perspectiva queremos estudar os elementos identitários da cultura negra no Haiti e no Brasil? E que identidade é essa? A questão da identidade cultural remete, em primeiro momento, à questão mais abrangente da identidade social, da qual ela é um dos componentes. Podemos pensar isso nos termos de Cuche (1999), que caracteriza a identidade social de um indivíduo pelo

conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação ao gênero, a idade, a uma classe social, a uma nação etc. Ele escreve que a identidade permite ao indivíduo localizar-se em um sistema social e ser localizado socialmente.

A identidade é um construto elaborado em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato. Deve-se esta concepção de identidade como manifestação relacional a Frederik Barth. Ela permite superar a visão objetivista e subjetivista da identidade cultural. Para Barth, deve-se tentar entender o fenômeno da identidade através da ordem das relações entre os grupos sociais. Para ele, a identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas.

Se a identidade resulta de uma construção social, ela faz parte da complexidade do social. Querer reduzir cada identidade cultural a uma definição simples, seria não levar em conta a heterogeneidade de todo grupo social. Hoje como nunca, nenhum grupo, nenhum indivíduo está fechado *a priori* em uma identidade só. A identidade se constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações. Ela está em constante movimento; cada mudança social leva-a a se contextualizar de maneira diferente.

Hall (2006, p. 38) escreve:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento de nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”.

Depois dessa reflexão sobre a identidade cultural, cabe salientar que ela não existe em si mesma, nem para si, fixa, determinada. Não pretendemos achar respostas prontas à identidade cultural, e muito menos à identidade cultural do negro no Haiti e no Brasil, mas somente identidades culturais. Qual o motivo dessa sensação de despedaçamento das identidades culturais que atravessa as culturas? Como observa Hall (2006, p. 88), em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado.

Podemos acumular várias identidades, pessoais ou partilhadas, quer digam respeito a grupos de pertencimento ou a nossas características individuais, definidoras de nossa maneira de ser e agir. Nesse sentido, podemos dizer que as identidades são uma invenção ou uma construção imaginária de sentido, sem tal concepção envolver fantasia total ou delírio absoluto. Há sempre um fio-terra que nos liga ao mundo do concreto, e faz tais elementos comparecerem na construção imaginária como integrantes de uma determinada identidade: o carnaval, o futebol e a praia para a visão do nacional brasileiro, por exemplo, ou o cavalo, a guerra e o churrasco para a identidade gaúcha.

A identidade cultural do negro no Haiti e no Brasil de hoje não é mais aquela. Não é mais a mesma de há 25 anos. Sociedade e cultura complexa vivendo em ritmo acelerado de transformações e mudanças! Mas que identidade cultural é esta? É o que a nossa pesquisa procura responder. Cada um desses dois países à sua maneira.

O tema dos elementos identitários da cultura negra emerge como conceito-força para a compreensão do enigma de “ser negro” no Brasil contemporâneo. Reconhecemos a situação de crise e de impasse vivido no presente imediato. Destacamos as conquistas positivas acumuladas pelos negros na última década e, ao mesmo tempo, tecemos um panorama sombrio da realidade circundante no Atlântico Negro.

O Brasil se faz conhecer hoje, mundialmente, pela produção de uma espécie de tecnologia, do qual a música (carnaval) e o futebol são os sinais mais evidentes e refinados. O futebol torna-se, hoje, um lugar de ascensão socioeconômica. Muitos jovens, na maioria deles negros, procuram esse tipo de jogo-trabalho para melhorar a sua condição financeira.

Gilberto Freire, nos seus textos clássicos, *Casa Grande & Senzala* (1933) e *Sobrados e Mucambos* (1936), dizia que o modo brasileiro de jogar convertia o “jogo britanicamente apolíneo” em “dança dionisíaca”, incorporando à sua técnica “o pé ágil, mas delicado” do capoeira e do dançarino de samba” (FREIRE, 1996, p. 598). Na explicação de Anatol Rosenfeld, a capoeira, inventada pelos negros e mestiços, desenvolveu-se como uma forma “acrobática de autodefesa” cujos jogadores “sabiam derrubar o adversário perplexo através de uma técnica rica em truques de violentas cabeçadas e ágeis rasteiras (ROSENFELD, 1993, p. 75-76).

O deslocamento epistemológico não apenas incentivou redefinições de conceitos-chave analíticos, como promoveu também substituições de conceitos paradigmáticos. Essas, porém, foram apenas parciais: hoje constatamos que, no mundo ocidental, raça, cultura e identidade convivem na linguagem do cotidiano e também em muitos trabalhos acadêmicos. Enquanto não formos capazes de redescobrir a negritude como valiosa, não teremos chance de saber quem somos: brancos, negros e mulatos. Tudo não passará de dissimulação para encobrir a dominação do outro e a nossa própria identidade.

REFERÊNCIA

- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 1999.
- FREIRE, Gilberto. *Casa-Grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- *Sobrados e mucambos*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- GAILLARD, Roger. L'indigénisme haitien et ses avatars. *Conjonction. L'indigénisme*. n. 197. Jan. fev. mars 1993. p. 9 – 26.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Preconceito e Discriminação*. Ed. 34. São Paulo: Fundação de Apoio á Universidade de São Paulo, 2004.
- HANDERSON, Joseph. O Universo Espiritual e Cultural da Primeira República Negra: Haiti. *Revista Razão e Fé, Pelotas*, v. 8, n. 2 – julho – dezembro / 2006, p. 5 – 20.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Dp&A, 2006.
- MÉTRAUX, Alfred. *Le Vaudou haitien*. Paris: Gallimard, 1998.
- PRICE-MARS, Jean. *Ainsi parla l'Oncle*. Essais d'ethnographie. Port-au-prince: Imprimeur II, 1998.
- ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva/Edusp; Campinas: Unicamp, 1996.
- SANSONE, Livio. *Negritude sem etnicidade*. O local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil. Trad. Vera Ribeiro. Salvador: Edufba, 2004.